O RACISMO E A VIOLENCIA CONTRA A MULHER NEGRA: A VIVÊNCIA E A PERCEPÇÃO DE MULHERES NEGRAS FRENTE À TEMÁTICA

Racism and violence against black women: The experience and perception of black women in the face of the theme

SILVA, Camila Roberta da

Centro Universitário Jaguariúna - UniFaj

COLOMBO, Jaqueline Maria

Centro Universitário Jaguariúna - UniFaj

SOUZA, Luciana Gomes Almeida de

Centro Universitário Jaguariúna – UniFaj

"Todo racismo é uma forma de violência."
(CFP - Conselho Federal de Psicologia, 2018)

RESUMO: No período da escravidão, predominou-se entre as mulheres a violência pelo sexo, estupro, lactação e reprodução. No entanto, mesmo após a abolição elas enfrentam questões relacionadas à divisão sexual e racial, racismo e sexismo. Diante disso, o estudo realizado teve como objetivo compreender como racismo impacta negativamente a vida de mulheres negras sendo reverberado em diversas formas de violência e compreender como é ser MULHER e NEGRA na sociedade atual e para isso, foi realizada uma pesquisa com 38 mulheres que se autodeclaram como negras. A partir das pesquisas realizadas e dos dados levantados, nota-se que o racismo estrutural é uma forma de violência que perpetua na vida das mulheres negras até hoje e é reproduzido em diversos âmbitos de suas vidas.

Palavras-chave: Racismo, mulher negra e violência contra mulheres negras

ABSTRACT: In the period of slavery, had predominated violence for sex, rape, lactation and reproduction into woman. However, even after the abolition they face issues about sexual and racial division, racism, and sexism. From that, this study wants to understand how racism negatively impacts the lives of black women, reverberating in various forms of violence and to analyze what it is like to be a WOMAN and BLACK in today's society, on Brazil. From the research and the data collected, it can be seen

that structural racism is a form of violence that perpetuates in the lives of black women until today and is reproduced in various areas of their lives.

Keywords: Racism, black women and violence against black women

INTRODUÇÃO

No período da escravidão, as mulheres negras, as quais, no trabalho escravo vivenciaram de modo igual aos homens, à produção, à força, às surras (muitas vezes seguidas de morte), predominou entre elas a violência pelo estrupo, reprodução e lactação (DAVIS, 2016, p. 47). Essa violência perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres, de acordo com Carneiro (2011), é conhecida como o “cimento” de todas as hierarquias de raça e gênero presentes em nossa sociedade, já que a miscigenação resultante da violação de corpos negros fez parte da construção de nossa identidade nacional, estruturando o decanto mito da democracia racial.

Carneiro (2011), ressalta que o papel da mulher negra foi negado na formação da cultura nacional, que a desigualdade de gênero é erotizada e que a violência sexual contra mulheres negras foi convertida em um romance que ainda é vivo no imaginário social em funções de uma ordem social supostamente democrática, mantendo intactas as relações entre homens e mulheres segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. Diante disso, a autora enfatiza que a experiência histórica vivenciada pelas mulheres negras foi diferenciada, pois a identidade feminina das mulheres negras sofreu e ainda sofre opressões na sociedade atual.

Mesmo após mais de 130 anos da Lei Áurea ainda existe um abismo entre brancos e negros, e isso persiste em todos os aspectos, sendo que esse grupo possui a menor escolaridade, apresenta maiores taxas de analfabetismo, tem os menores salários, é o mais afetado pelo desemprego, tem o menor acesso ao sistema de saúde e é o que morre mais cedo, vítimas de violência. Aludindo às mulheres negras, a partir do que foi supracitado, observa-se que elas são as maiores vítimas de feminicídio (MACHADO, 2018).

Nos seus estudos sobre mulheres, raça e classes, Davis (2016) apresenta a experiência das mulheres negras diante da desumanização e mostra que nos dias

atuais ainda enfrentam questões relacionadas à divisão racial e sexual, racismo e sexismo. Sendo assim, reflete o fato de que a abolição da escravatura não significou de fato o fim da escravidão, evidenciando que mulheres e homens negros são vistos pela perspectiva do corpo/sexo, sexualidade, marcadas/os por estereótipos negativos, sendo, em muitas vezes, taxadas/os de infratoras/es quando na verdade são vítimas. Dessa forma, podem sentir que não possuem vozes, sendo subjugadas/os e expostas/os.

Davis (2016) ressalta que a sociedade ainda reforça estereótipos negativos para os corpos negros "[...] a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animalescas, toda a raça é investida de bestialidade". Sendo assim, referindo à mulher negra, têm-se a justificativa de que o estupro praticado por homens brancos para com elas, durante e após a abolição, são pelo fato de que esses homens são "vítimas" da sedução do corpo negro.

De acordo com o Mapa da Violência, que estudou a prática dos homicídios femininos nos últimos anos, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais (FLACSO, 2016), afirma-se que o feminicídio também tem cor e ela é negra. Conforme os dados levantados entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras assassinadas por conta de seu gênero feminino cresceu 54%, contudo, o índice de feminicídio contra as mulheres brancas caiu 9,8% nesse mesmo período. Outra pesquisa sobre 'Violência contra a mulher: feminicídios no Brasil', realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), divulgou em 2013 que 61% dos feminicídios no país foram de mulheres negras.

Outra pesquisa realizada em 2019 pelo Atlas da Violência, divulgado pelo IPEA (Brasil, 2019), relatou que a taxa de homicídios de mulheres brancas teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, já a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Em números absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre as brancas o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%. A desigualdade racial pode ser vista também quando verificamos a proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal, sendo elas 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017. O crescimento muito superior da violência letal entre mulheres negras em

comparação com as brancas, evidencia a enorme dificuldade que o Estado brasileiro tem de garantir a universalidade de suas políticas públicas.

A violência contra mulheres negras também aparece no âmbito da saúde, sendo que as taxas de mortalidade entre elas são altas. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), o índice de mortalidade materna no Brasil em 2015 foi de 60 mulheres em cada 100 mil nascidos vivos, sendo as negras 57% das gestantes que morreram em virtude de hipertensão, hemorragia e infecção puerperal. A partir desses dados, entende-se que a população negra morre mais do que a população branca, especialmente quando se observa o grupo de mulheres, confirmando que a mortalidade materna está relacionada ao preconceito e a discriminação étnico-racial que determinam a forma como essas mulheres são atendidas e tratadas (MACHADO, 2018).

Diante do que foi exposto, compreende-se que o racismo no Brasil se apresenta de forma estruturada e institucionalizada, visto que em sua forma estrutural, o racismo perpassa desde a compreensão estética até todo e qualquer espaço no âmbito público e privado, sendo estruturante das relações sociais e por estar configurado na sociedade, se torna naturalizado por ela. Sendo assim, o racismo é uma estrutura presente na essência da sociedade, sendo apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, se mostrando um mecanismo colocado para manter o atual estado das coisas (BERSANI, 2018).

Em relação à institucionalização do racismo no Brasil, compreende-se que ele se apresenta de forma institucionalizada, visto o fato de que ele pode ser considerado o principal responsável pelas violações de direitos dos grupos raciais subalternizados, exibindo-se em estruturas públicas e privadas do país, sendo essa prática marcada pelo tratamento diferenciado e desigual, indicando a falha do Estado em promover assistência igualitária aos diferentes grupos sociais (CENTRO DE REFERÊNCIAS TÉCNICAS EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS- CREPOP, 2017).

O Programa de Combate ao Racismo Institucional, incorporado no país em 2005, traz a seguinte reflexão:

> *O fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações. (CRI, 2016, pág.22)*

Diante disso, o CREPOP (2017) ressalta que a população negra é totalmente desvalorizada, sendo negada a sua contribuição para a construção da ciência e do progresso do país, enfrentando diariamente a insegurança de uma maior exposição à violência e às injustiças sociais, tendo que conviver diariamente com a intolerância e o desrespeito, com a imposição da hegemonia branca.

Em 20 de Julho de 2010, foi validado o Estatuto da Igualdade Racial – Lei nº12.228/2010, que tem como seu principal objetivo, garantir à população negra a efetividade de oportunidades na sociedade brasileira, a defesa dos seus direitos individuais e coletivos, além do combate à discriminação e todas as formas de intolerância. O Artigo 4º ressalta que a população negra deve viver em condições de igualdade, na vida econômica, social, política e cultural do País, sendo promovidas através de inclusão em políticas públicas.

Diante do que foi apresentado, surge a problemática de como é ser uma mulher negra na sociedade atual e como elas são atravessadas pelo racismo que é uma forma de violência.

Compreende-se que o racismo no Brasil, afeta de maneira negativa a vida de mulheres negras, mostrando o quão atual essas questões são em nossa sociedade e isso reverbera, não somente em violência física, mas também em violência verbal, moral e psicológica.

A violência contra mulheres negras foi algo que cresceu nos últimos anos, e isso se dá ao fato de que o racismo é estrutural na sociedade, portanto, o estudo esse se faz necessário para compreensão de como é ser uma mulher negra e a partir daí pensar em caminhos para o combate às desigualdades raciais e à violência para com

as mulheres negras, a fim de que sejam refletidas ações e estratégias para o enfrentamento à violência de gênero e o enfrentamento ao racismo

Sendo assim, o objetivo do estudo, é compreender como o racismo impacta a vida das mulheres negras entrevistadas, sendo reproduzido através da violência em vários âmbitos de suas vidas e assim entender como é ser MULHER e NEGRA na sociedade atual. Além disso, pretende-se evidenciar que mesmo após a abolição da escravatura, as mulheres negras carregam consigo as marcas da violência, sendo vítimas de uma sociedade com conceitos patriarcais e preconceituosos, tanto pelo gênero feminino quanto pela raça. Sustentando assim, que as mulheres negras carregam consigo dois estigmas os quais refletem o aumento de violência contra elas nesses últimos anos: o primeiro é ser negra e o segundo é ser mulher, aludindo-se a isso o racismo estruturante presente na sociedade.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa bibliográfica utilizou-se de artigos disponíveis em plataformas de dados, como SCIELO (scielo.br), PEPSIC (pepsic.bvsalud.org), LILACS (lilacs.bvsalud.org) e BVS-PSI (http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php).

Para a pesquisa em plataformas de dados, foram utilizados descritores como: racismo, racismo estrutural, racismo institucional, ser mulher negra, violência contra mulheres negras, representatividade, e relações raciais.

Para fim dessa pesquisa, também foi realizada uma coleta de dados através de um questionário elaborado pelas autoras com o intuito de se levantar dados referentes às formas de violência e/ou racismo que mulheres negras possam ter sofrido, bem como levantar dados sobre idade, nível social, escolaridade, para que dessa forma se compreenda a percepção das mulheres sobre como é ser Mulher e Negra na sociedade atual. O questionário foi elaborado a partir da revisão de literatura realizada e que abordavam o racismo e a violência contra as mulheres negras.

Diante do que foi supracitado, foi aplicado um questionário online pelo site https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/, sendo este divulgado por meio de

redes sociais, atingindo mulheres negras de diferentes contextos. A pretensão da amostra foi de 40 mulheres que se autodeclaram negras, abordadas por meio do questionário online, respeitando deste modo, o sigilo sobre sua identidade. É importante ressaltar que para preenchimento do questionário online, as mulheres tiveram que concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo o mesmo submetido para avaliação do Comitê de Ética e recebendo aprovação pelo CAAE 18675019.8.0000.5679 no dia 27 de Agosto de 2019, em que estavam dispostos que não haveria nenhum benefício para a sua participação na pesquisa, bem como a possibilidade de pequenos riscos para possíveis gatilhos emocionais, caso alguma participante tivesse sido vítima de racismo e/ou violência.

Os critérios para inclusão das participantes na pesquisa foram: se identificar como mulher, ser maior de 18 anos de idade, se autodeclarar negra, ter acesso à internet, concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responder o questionário. Os critérios para exclusão de participantes na pesquisa foram: se identificar como homem, ser menor de 18 anos de idade, não se autodeclarar negra, não concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

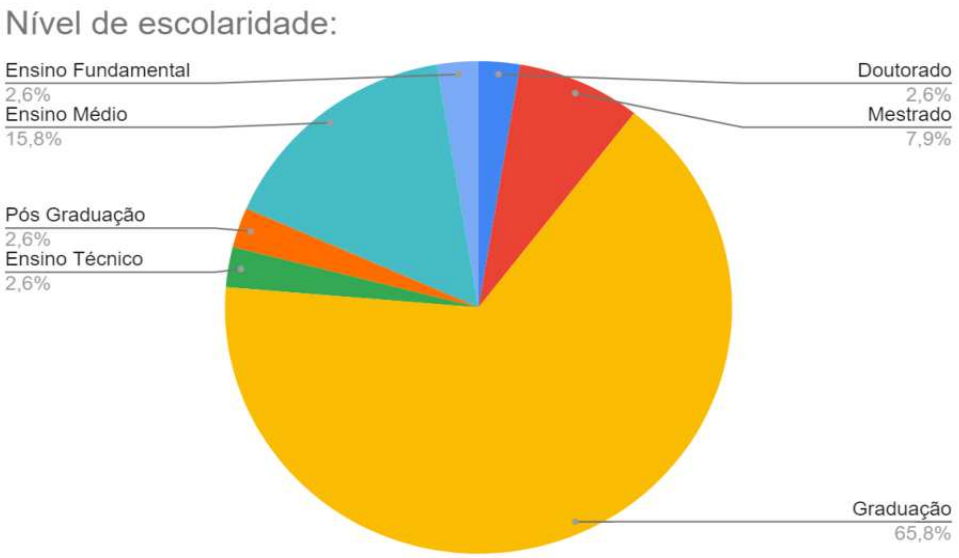
Após a coleta, os dados foram tabulados e discutidos à luz de teorias que abordam a temática. Para maior compreensão do estudo foram feitas perguntas objetivas e perguntas abertas, em que as participantes puderam emitir seus relatos.

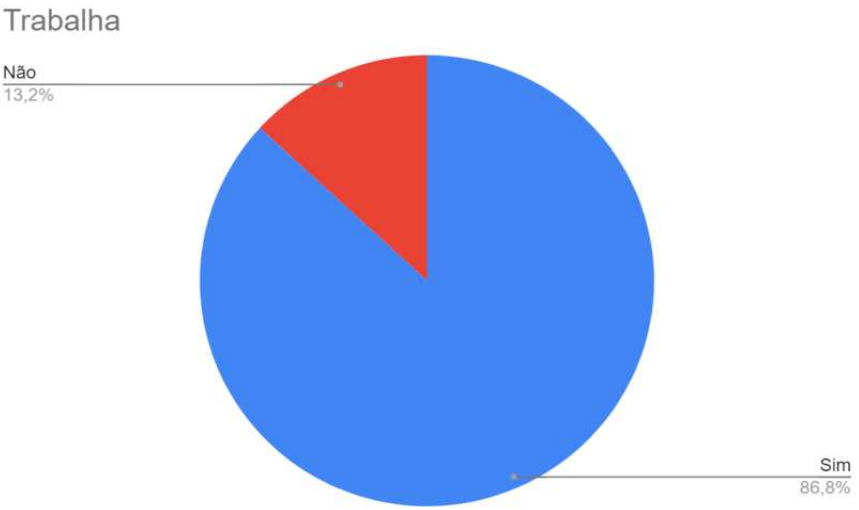
RESULTADOS

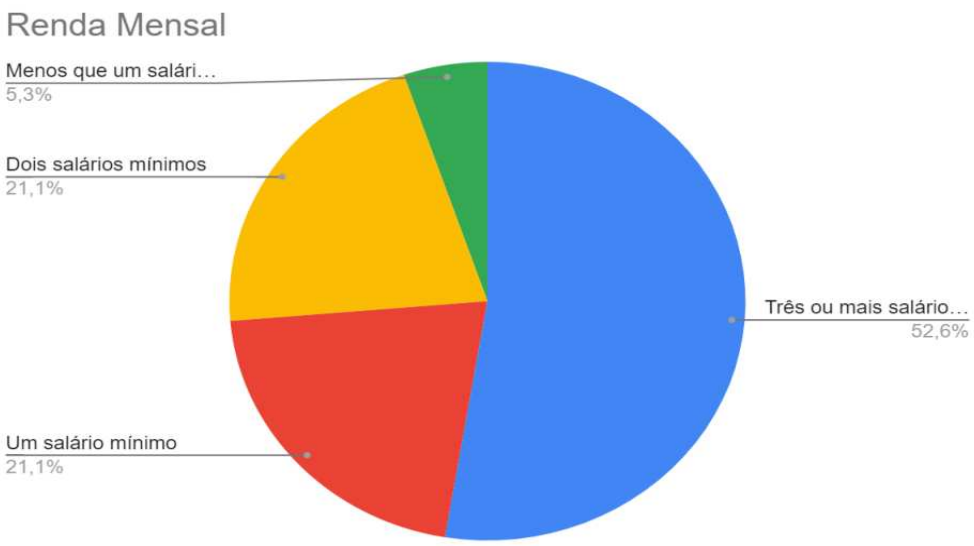
A partir do disparo do link através das redes sociais, 42 pessoas tiveram acesso ao questionário da pesquisa. A partir disso, 7% das participantes não concordaram com o TCLE, diante disso, foram excluídas automaticamente da pesquisa, e 3% das participantes não se autodeclararam negras, sendo excluídas automaticamente. Dessa forma, deram continuidade à pesquisa 38 participantes.

As participantes possuem idade entre 20 e 67 anos, tendo como idade média 38 anos.

Os gráficos abaixo apresentam os dados sobre a renda mensal e o nível de escolaridade.







A partir dos dados apresentados, pode-se constatar que 87% das mulheres abordadas trabalham e 13% não possuíam trabalho no momento da pesquisa, diante disso, 53% possuem renda mensal de 3 salários ou mais salários mínimos, 21% possuem dois salários mínimos, 21% possuem um salário mínimo e 5% possuem menos que um salário mínimo. Em relação à escolaridade das mesmas, 66% são graduadas, 16% possuem o ensino médio, 8% possuem mestrado, 3% possuem ensino fundamental, 3% ensino técnico, 3% possuem pós-graduação e 3% possuem doutorado.

A tabela abaixo foi elaborada pelas autoras e apresenta questões objetivas que foram feitas com o intuito de refletir sobre a percepção da mulher negra na sociedade atual. Nela, constata-se que 100% das participantes disseram existir racismo na sociedade atual, 87% das participantes relataram ter sido vítima de racismo em algum momento de suas vidas, 79% já sofreram algum tipo de violência física ou verbal, para 89% das participantes há a diferenciação entre mulheres brancas e negras nas instituições públicas e/ou privadas, 97% acreditam que existe exclusão social em relação às mulheres negras, 95% das participantes disseram que as mulheres negras não desfrutam das mesmas oportunidades que as mulheres brancas na sociedade e

87% não se sentem representadas nos âmbitos públicos e privados dentro das instituições.

TABELA 1 – ANÁLISE DAS QUESTÕES COM RESPOSTAS PRÉ-DEFINIDAS

	Sim	Não
Existe racismo na sociedade atual?	**100%**	--
Você já foi vítima de racismo?	87%	13%
Você já sofreu algum tipo de violência física ou verbal?	79%	21%
Para você, há diferença entre mulheres negras e brancas nas instituições públicas e/ou privadas?	89%	11%
Existe exclusão social em relação às mulheres negras?	97%	3%
As mulheres negras desfrutam das mesmas oportunidades que as mulheres brancas na sociedade?	5%	95%
Você se sente representada nos âmbitos públicos e privados dentro das instituições?	13%	87%

Fonte – Dados analisados pelas autoras.

Na questão **"Você já foi vítima de racismo?"**, 42% das participantes relataram sobre casos em que foram vítimas de racismo e entre elas, tiveram casos que as participantes foram submetidas a comentários como *"fez negrisse"*, no local de

trabalho. Outra participante relatou que disseram que determinada atividade era *"coisa de preto"*, já outra participante comentou que lhe disseram *"sua negrinha, vai lavar a privada, que lá é seu lugar"* e comentários como *"preta fedida"* em locais públicos. Também relataram casos em que foram barradas em entrevistas de empregos, casos em que o cabelo foi motivo de piada, além disso, uma participante relatou que um médico não reconheceu sua filha por ter a pele mais clara que ela. Ademais, houve o relato de uma situação em que uma das participantes relatou ter sido "vigiada" por um segurança à paisana em um supermercado e quando estava indo embora, o mesmo pediu para que ela abrisse a bolsa.

Diante da questão **"Você já sofreu algum tipo de violência física e/ou verbal?"**, 79% das participantes relataram ter sofrido violência verbal como comentários em seu local de trabalho referentes à sua cor, apelidos na escola, muitas vezes sendo ridicularizadas pelo tom de sua pele ou pelo seu cabelo.

A partir do que foi abordado na questão **"Para você há diferença entre mulheres negras e brancas nas instituições públicas e/ou privadas?"***,* 21% das participantes comentaram que o preconceito é algo velado, sendo, muitas vezes, não declarado, o que acarreta em não possuir o seu lugar de fala ou de visibilidade. Estas, inclusive, relataram que as mulheres brancas são melhores atendidas e mais respeitadas. Uma das participantes relatou que *"o tratamento que mulheres negras e mulheres brancas recebem é diferenciado. Mulheres negras em geral têm um atendimento inferior. Nós, em geral, temos mais chances de sermos tratadas com descaso ou menos respeito.",* outra participante expôs "*Sou médica e muitas vezes há um questionamento se sou mesmo médica. Por outro lado, se tem uma loira, perguntam se é a médica e era a técnica ou enfermeira ou fisio... Mas era branca e loira."*

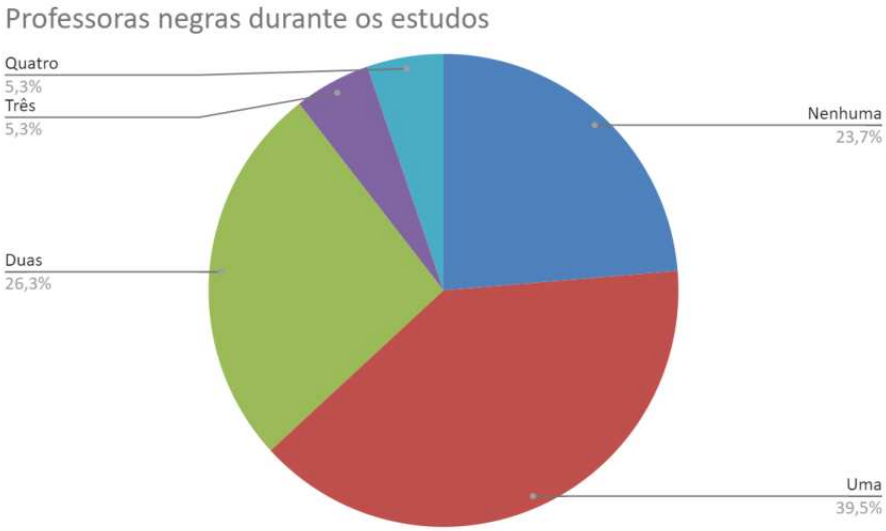
Na questão ***"Existe exclusão social em relação às mulheres negras?"***, 18% das participantes comentaram a questão e na resposta de uma das participantes constou que *"existe e que dói muito"*, outros comentários foram *"A sociedade exclui, às vezes de forma inconsciente. Mas percebo que as mulheres negras estão conquistando seu espaço e fazendo serem vistas com respeito."; "*(A mulher negra) *Sempre é vista como subalterna, apesar de a pessoa não ser... às vezes, muita gente*

não acredita aonde você chegou."; "As mulheres negras estão na base da pirâmide social brasileira, são as que têm o menor rendimento."; "Em acesso a trabalhos que não sejam voltadas ao ambiente doméstico, ao tratamento que recebe nos ambientes de assistência ou saúde, ao vivenciar a maternidade sozinha."; "Quanto mais o fenótipo negroide maior é a exclusão. As negras de pele retinta e com cabelo crespo sofrem mais racismo, terão menos oportunidades de emprego e consegue aquele de salário mais baixo e na maioria como domésticas ou trabalhos mais braçais. Nos relacionamentos também são excluídas... são para namorar mas não para casar"

A partir do que foi exposto na questão **"As mulheres negras desfrutam das mesmas oportunidades que as mulheres brancas na sociedade?"**, 18% das participantes comentaram e destacaram no geral, a diferenciação dos tratamentos nos espaços de trabalho, de lazer, nos relacionamentos e que sempre são vistas com desconfiança. Também abordaram que as mulheres negras são vistas como intelectualmente inferiores às mulheres brancas, tendo os menores salários mesmo exercendo a mesma função que as mulheres brancas. Dessa forma, uma participante relata que "*existe muita dificuldade para que mulheres negras desfrutem das mesmas oportunidades que mulheres brancas*".

Na questão **"Você se sente representada nos âmbitos públicos e privados dentro das instituições?"**, 21% das participantes comentaram que se sentem muito pouco representadas, sendo que entre os comentários algumas relataram que: *"A representatividade vem aumentando, mas ainda falta muito. Em algumas ocasiões já cheguei a ser a única negra no local e ainda é muito pouco o número de pessoas negras ocupando cargos e/ou posições de destaque."; "Na minha turma de graduação, em uma Universidade Pública, fui a única negra a me formar."; "Nenhum pouco em áreas administrativas ou de chefia."; "Há poucas mulheres negras na universidade onde trabalho, há poucas mulheres negras na política, nunca fui atendida por uma médica negra."; "Estou cansada de ser a exceção que justifica a regra. Tornei-me médica por ter tudo, acesso a uma série de oportunidades... Sei que não foi por mérito próprio apenas... Sim precisei me esforçar muito mas tive muitos privilégios... Na minha época não havia cotas, ingressei na Universidade pública em 1988. Mas sou a favor das cotas... precisamos democratizar o acesso à universidade"*

A partir da questão supracitada, foi perguntado quantas professoras negras elas tiveram durante os seus estudos, sendo que se faz necessário ressaltar que aproximadamente 66% delas são graduadas, 8% mestres, 3% doutoras e 3% possuem outro tipo de pós graduação. Diante disso, os resultados obtidos foram representados no gráfico abaixo, e pode-se observar que 40% das participantes tiveram apenas 1 professora negra durante os seus estudos, 26% tiveram 2 professoras negras, 24% não tiveram nenhuma professora negra, 5% tiveram 3 professoras negras e 5% tiveram 4 professoras negras.



Em uma questão foi pedido para que as participantes descrevessem uma situação problema em que haja a diferenciação entre mulheres negras e brancas. 97% das participantes discorreram sobre a posição de mulheres negras no mercado de trabalho, sobre o tratamento diferenciado que as mulheres brancas recebem em relação às negras, nos relacionamentos afetivos, falta de representatividade no legislativo, situações vivenciadas na escola, que as mulheres negras não são ouvidas. Diante disso, alguns comentários foram destacados, como "*É só verificar a ocupação profissional. As negras estão, na maioria das vezes, nos piores postos de trabalho.*"; *"Recente, um anúncio de oferta de emprego solicitava mulheres para cuidadoras, mas não podiam ser negras e nem gordas. Acredito que isso ocorre sempre, mas só às vezes a mídia toma conhecimento e divulga."*; *"Situações de trabalho em que a instituição favorece mais a mulher branca do que a mulher negra."*; *"Em ambiente*

hospitalar, em que a mulher negra é lida como sendo forte."; "Uma situação de grupo, quando uma mulher negra fala e é dada menos atenção, ou é questionada sobre as informações trazidas, uma mulher branca fala e muitas vezes as informações que passa é recebida com mais interesse ou como sendo válidas." Nessa questão, 1 das participantes relatou *"nunca tive problema".*

Por fim, foi perguntado para as participantes **"Como é SER MULHER e NEGRA na sociedade atual?**", sendo assim, os termos mais presentes por 95% delas que SER MULHER e NEGRA na sociedade atual é ser olhada com desconfiança, é ter que se "provar", se afirmar, defender seus direitos, que é muito difícil e um carma. É ser preterida afetivamente, às vezes é ser incompreendida pelos próprios colegas, que desconsideram o racismo. Relataram que é enfrentar opressões do machismo, racismo e a violência de gênero, além da precariedade dos trabalhos e remunerações, sobrecarga de trabalho, dificuldade de conseguir emprego e solidão no campo dos afetos. É enfrentar a estigmatização desde cedo, o racismo (ainda que velado) sobreposto pelo machismo. É ter sua beleza questionada e seus heróis negados. É luta para construir novas representações e paradigmas sociais e políticos que reconheçam seu lugar e valor, e que é ser resistência. Diante da mesma pergunta, 5% delas responderam que é gratificante e que não vê diferenças.

Diante disso, dois comentários foram destacados: *"O racismo paralisa todos os dias, e se não houver um empoderamento há um adoecimento causado pela cor da pele. A cor da pele deixa a leitura social, do que você pode ou não pode ser, onde você pode entrar e frequentar. A cor da pele faz a leitura do quanto o seu saber alcança. Tudo isso é moldado pela visão dos outros, geralmente brancos. É muito difícil falar do racismo que sofremos, é como se sofresse duas, três, quatros vezes, a partir da medida que você conta, relata. A experiência vem carregada pelo tom de pele, e lidar com isso é difícil."*; *"Difícil, a todo momento, a sociedade tenta te convencer que o preconceito não existe, que racismo é "mimimi", vitimismo. Uma mulher por ser mulher já não tem o mesmo valor no mercado de trabalho em relação a homens que exercem a mesma função, mulheres negras menos ainda, a todo momento tem gente falando que o destino dela é ser empregada doméstica, que a cor e a história dela remetem obrigatoriamente a esse destino."*

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em sua obra intitulada de “A integração do negro na sociedade de classes”, Florestan Fernandes (1964), enfatiza que a população negra está sub-representada em todos os âmbitos da vida social, pelo fato de que há na sociedade mecanismos de discriminação que filtram todas as oportunidades na vida dessas pessoas e aponta o problema central de quando o racismo estrutural se instituiu em nossa sociedade quando diz:

> “A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho”. (Florestan Fernandes apud Rezende, 2020)

Dessa forma, a ausência de políticas públicas à população negra recém liberta provocou consequências que se reproduzem ao longo do tempo em todas as esferas de vida de pessoas negras e o racismo estrutural, promove a desigualdade racial. (Rezende, 2020)

A partir dos resultados apresentados, é importante ser ressaltado que 100% das participantes dizem existir racismo na sociedade atual, indicando a percepção que as mesmas possuem em relação ao racismo que é estruturante das relações sociais. Também é importante salientar que em muitos momentos, o racismo, aparece de modo sutil na sociedade e isso se dá ao fato de que no Brasil existe o disfarce frente à ele e por isso, muitas vezes discutir e falar sobre o problema em questão, não faz sentido para a maioria das pessoas, mesmo elas sendo negras.

Diante disso, pode-se ilustrar o que foi dito com uma frase de Nélson Rodrigues (1957) que diz:

> *“*Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. A vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações. Nós tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite.*”* (RODRIGUES apud PINTO e FERREIRA, 2004, p. 4)

Sendo assim, Pinto e Ferreira (2004), discorrem em seus estudos que o fato de não ter tido uma política segregacionista no Brasil, como nos Estados Unidos, por exemplo, têm-se a ilusão de que o racismo é algo pontual e somente no âmbito privado e não público, trazendo a crença de que todas as raças convivem de maneira respeitosa e amistosa. Contudo, o que se percebe é que por muito tempo não se falou sobre o assunto, trazendo o silêncio a essa temática, e isso fez com que não entrássemos em contato com essa realidade, mostrando a dificuldade da sociedade em lidar com o preconceito e a discriminação. No entanto, percebe-se que o movimento negro e de mulheres negras vêm ganhando espaço e trazendo discussões e reflexões importantes para a sociedade, porém, como foi supracitado, muitas vezes esses movimentos são vistos como formas de vitimismo para uma parcela significativa da sociedade, pois sempre foi um assunto velado e camuflado perante todos.

Em seus estudos, Cândido e Júnior (2019), refletem sobre os estereótipos que as mulheres negras carregam na sociedade, sendo vistas como um símbolo sexual fazendo com que a violência sofrida por elas sejam fruto da hipersexualização de seus corpos. Diante disso, a figura sexual ligada à elas não garante a possibilidade de relacionamentos mútuos de amor e afeto, sendo assim, apresentam no corpo marcas de inferioridade e não aptas para relações mais profundas. Sendo que essa questão apareceu nos comentários das participantes da pesquisa, em que ressaltam a solidão no campo afetivo, ponto esse que, são preteridas afetivamente.

Mendonça (2010), apresenta uma tradução de Hooks que diz:

> “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso.”

A partir do que foi aludido, pode-se refletir sobre os índices de violência contra as mulheres negras e como elas ainda são vistas na sociedade, refletindo também como os resquícios do período da escravidão creditam pouco valor aos corpos de mulheres negras, sendo as mesmas muitas vezes vistas somente no âmbito sexual, trazendo solidão afetiva.

Diante disso, o racismo e o sexismo se expressam em várias situações, como na possibilidade de estudar ou, na forma de morrer, na moradia ou no trabalho digno, na possibilidade de se casar, e todas essas situações causam sofrimento psíquico e impedem a mobilidade social das mulheres negras. (CREPOP pág. 9, 2017)

A partir da pesquisa, foi possível também verificar que as participantes ressaltam a diferenciação no tratamento entre mulheres negras e brancas na sociedade, seja nos âmbitos públicos ou privados, no qual observam o tratamento desigual seja nos postos de trabalhos, em que, muitas vezes, não são reconhecidas pela sua colocação ou são tratadas de modo diferente em uma entrevista de emprego. Outra questão, ainda, é o fato de que mulheres negras possuem uma maior dificuldade em ascensão profissional, até mesmo em comércios onde recebem tratamento diferente por serem negras. Sendo assim, o que foi exposto faz emergir a reflexão sobre como o racismo institucional reflete em suas vidas.

Diante do exposto, vale ressaltar que para Almeida (2019), o racismo estrutural no Brasil se dá, justamente, quando as instituições conferem mais oportunidades de trabalho formal para pessoas que se identificam racialmente como brancas.

As desigualdades existentes na sociedade brasileira em relação às mulheres negras comprometem a construção de um país democrático, com oportunidades iguais para todos, o que dificulta a inserção da população negra. Diante disso, elas experimentam diferentes tipos de discriminação de raça e gênero, comprometendo sua inserção na sociedade como sujeitos de direito. Vale ressaltar que no que tange a saúde, as desigualdades impostas pelo racismo e sexismo, definem a forma como essas mulheres são tratadas. (GOES e NASCIMENTO, 2013)

Outro dado importante a ser discutido é fato de 66% delas são graduadas, 8% mestres, 3% doutoras e 3% possuem outro tipo de pós graduação, e que 40% delas tiveram apenas uma professora negra e 26% não tiveram nenhuma professora negra durante o seu período de formação. Diante disso, pode-se pensar que o acesso de mulheres negras às instituições de ensino, principalmente como docentes, é escasso. Sendo importante a reflexão de que as políticas de cotas podem facilitar o acesso às universidades, no entanto, os aspectos já supracitados, como o racismo, o machismo

e o sexismo, podem dificultar a continuidade dos estudos e a inserção no mercado de trabalho.

SER MULHER e NEGRA na sociedade atual é um grande desafio, de acordo com a percepção das participantes e isso reflete como as mulheres são vistas desde o período escravocrata. Sojourner Truth, ex-escrava, em 1851 fez um discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, que foi intitulado como “Eu não sou uma mulher”, em que dizia:

> Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! Eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! Eu não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! Eu não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! Eu não sou uma mulher? (RIBEIRO, 2018, p. 51).

Diante desse discurso, reflete-se sobre o que é SER MULHER e NEGRA, no período da escravidão, mostrando como a situação da mulher negra era completamente diferente da situação na mulher branca na sociedade. Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto, as mulheres negras lutavam para serem reconhecidas como seres humanos. Evidencia-se assim, a importância do feminismo, pois a luta feminista busca pela igualdade entre homens e mulheres, no entanto, as mulheres negras nunca foram vistas em igualdade com as mulheres brancas (RIBEIRO, 2018).

Por fim, a partir da discussão apresentada, Ribeiro (2018), destaca a importância da reflexão sobre a importância do feminismo negro, pois como visto nas respostas das participantes, é perceptível a diferenciação entre mulheres brancas e negras na sociedade, pois apesar do gênero ser o mesmo, há outras especificidades que as afastam ou as separam na sociedade. A autora também destaca que a cada 5 minutos uma mulher é agredida no Brasil, no entanto, as mulheres negras são mais vulneráveis às violências devido à cultura do estupro, ressaltando que a miscigenação

também foi fruto de estupros contras elas, pois, seus corpos são desumanizados e ultrasexualizados historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo inicial compreender como o racismo impacta a vida de mulheres negras, podendo ser reproduzido em formas de violência em vários âmbitos de suas vidas. E compreender como é ser MULHER e NEGRA na sociedade atual.

A partir da aplicação do questionário e do estudo, foi possível compreender como as mulheres negras carregam consigo marcas históricas desde o período escravocrata, sendo esse fator determinante para a reprodução das desigualdades até os dias atuais. Os estudos mostram que no Brasil, as mulheres negras são mais suscetíveis à violência, sendo que isso reflete em como seus corpos são vistos e em como o racismo perpetua até os dias de hoje.

Tais pontos podem ser elucidados a partir de alguns relatos coletados na presente pesquisa, como o mando sobre realizar tarefas de serventia a outrem, observado em “vai lavar privadas.” Para além, pode-se agregar neste ponto, verbalizações relacionadas à raça, com o objetivo de diminuir a pessoa, como “preta” e a característica “fedida” como adicional.

O estudo se faz importante para que se possa compreender a percepção de mulheres negras frente ao racismo, pois a partir disso, pode-se pensar em estratégias para o enfrentamento às violências que elas sofrem. Sendo primordial pensar no empoderamento negro feminino e na importância da representatividade negra nos âmbitos públicos e privados. A pesquisa demonstrou tal necessidade, a partir de diversos meios, mas principalmente ao abordar que 40% das participantes, ou seja, a maioria, tiveram apenas uma professora negra durante sua formação.

A discussão também se faz considerável, pois quanto mais discutirmos sobre a temática, maiores são as chances de pensar em políticas públicas que sejam eficazes para o problema apresentado, porque, como visto, durante muito tempo

evitou-se falar sobre isso, alcançando a consequência de o racismo se tornar cada vez mais sutil e internalizado na sociedade, sendo que isso traz a sensação de oportunidades iguais para todos e que outros grupos não reconheçam seus privilégios na sociedade.

Por outro lado, 100% das participantes declararam que o racismo existe, e uma delas comentou sobre o quanto ele machuca quem o sofre. Se o racismo se tornou algo sutil, assim o é somente para quem não o sofre.

Dessa forma, pensar no feminismo negro é de grande valia, já que as mulheres negras sempre foram hipersexualizadas e subalternizadas, refletindo em maiores índices de violência e não garantido os mesmos direitos. Faz-se necessário abordar que, 89% da amostra pesquisa afirma que há diferenciação entre mulheres negras e brancas, no quesito da amplitude institucional no país, como tratamentos de saúde e atendimentos da assistência social, além de, existir exclusão social em relação às mulheres negras segundo 97% das participantes.

Por fim, de modo a concluir esse estudo, deve-se ressaltar que o todo racismo é uma forma de violência e que pode causar o sofrimento psíquico do grupo em questão. Como mostrado na pesquisa com as mulheres negras, todas elas percebem o racismo e são impactadas negativamente por ele em suas vidas, seja no campo afetivo, seja em instituições, na falta de representatividade, em comentários sobre sua cor, seu cabelo, que muitas vezes pode ser apresentado de maneira sutil, mas que não deixa de ser uma forma de violência e que pode gerar o adoecimento da saúde mental dessas mulheres.

Sendo assim, pode-se pensar na ampliação da pesquisa para um maior número de mulheres negras, para aprofundar em estudos sobre como o racismo pode afetar a saúde mental dessas mulheres que são constantemente mais suscetíveis aos diversos tipos de violência devido ao racismo presente na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S, L, D. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BERSANI, H. **O racismo estrutural e o direito à educação**. Viçosa - MG: Rev. Educ. Perspec, 2018. v. 8.

BRASIL, Atlas da Violência. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

BRASIL, **Estatuto da Igualdade Racial.** Presidente da República. Lei 12.288, de 20 de Julho de 2010, Brasília-DF

_____, Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais (FLACSO). **A cor das vítimas de violência no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=17872>. Acesso em: 24 nov. 2018.

_____, **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA),** Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão - 2014. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2018

_____, **Ministério da Saúde:** Painel de indicadores do SUS, 2016.

_____, **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres. 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo:** A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Portal Geledés, 6 mar. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/. Acesso em: 20 jul. 2022.

CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2019. DOI https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg. Acesso em: 22 nov. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas - CREPOP**. Relações Raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas (os). 2017. Brasília, DF.

_____. Todo racismo é uma forma de violência. **Seminário** 14. Nov. de 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/todo-racismo-e-uma-forma-de-violencia-2/>. Acesso: 12 de fev. 2020

CRI. Articulação para o Combate ao Racismo Institucional. **Identificação e abordagem do racismo institucional.** Pág. 22. Brasília: CRI, 2006.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. [*S. l.*]: Dominus Editora, 1964. v. 1.
GOES, E. F.; NASCIMENTO, E. R. do. Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 37, n. 99, p. 571-579, dic. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042013000400004&lng=es&nrm=iso>. accedido en 15 feb. 2020.

MACHADO, K. **O racismo em três séculos de escravidão**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2018. 1-14 p. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/printpdf/7469>. Acesso em: 24 nov. 2018

MENDONÇA, M. Vivendo de amor. In: Geledes, 2010, s/p. Disponível em: http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor Acesso em: 15 fev. 2020

OLIVEIRA, A. P. G. E CAVALCANTI, V. R. S. **Violência Doméstica na Perspectiva de gênero e Políticas Públicas**. Rev. Brás. Crescimento Desenvolvimento Humano, 2007.

PASINATO, W. E SANTOS, C. M. **Mapeamento das delegacias da mulher no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 2008.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prát. psicossociais**, São João del-Rei , v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 fev. 2020.

REZENDE, M. O. **Racismo no Brasil**. *In*: Mundo Educação. [*S. l.*], 31 jul. 2020. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm. Acesso em: 5 ago. 2022.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROGRIGUES, A. **Construindo a perspectiva de gênero na legislação e nas políticas públicas**. 2003. Disponível em: <http://www.maismulheresnopoderbrasil. com.br/estudos. php> Acesso em: 04 de dezembro 2018

TAVARES, M. S.; SARDENBERG, C. M. B E GOMES, M. Q. C. **Feminismo, estado e políticas de enfrentamento à violência contra mulheres: monitorando a lei Maria da Penha.** Labrys Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, jun./dez. 2011.